**BREVE ANÁLISE E REFLEXÃO SOBRE MORFOLOGIA NO LIVRO DIDÁTICO**

Antônia Kayanne Alves de Queiroz

Autora, UERN – CAMEAM

[kayalvesdq@hotmail.com](mailto:kayalvesdq@hotmail.com)

Talita de Sousa Brilhante

Coautora, UERN – CAMEAM

[talitbrilhante02@hotmail.com](mailto:talitbrilhante02@hotmail.com)

José Emerson Sampaio de Carvalho

Coautor, UERN – CAMEAM

[emersonsampaio55@gmail.com](mailto:emersonsampaio55@gmail.com)

Lílian Mabel da Costa Fernandes

Coautora, UERN – CAMEAM

[lilianmabel.adm@gmail.com](mailto:lilianmabel.adm@gmail.com)

**RESUMO**

O presente artigo trata-se de uma análise pautada na morfologia encontrada no livro didático de quinta série, editora Ática, uma obra coletiva. Há, introdutoriamente, uma breve contextualização sobre o objeto trabalhado, e uma abordagem acerca da forma como foi disposta no livro. Foi-se avaliado as unidades dispostas no livro, os âmbitos abordados da morfologia e demais aspectos que tangem à área. Como aporte teórico, fundamenta-se nos pressupostos de Perini (1997), Antunes (2007), Lúcia Fulgêncio (2011), Marcuschi (2012), Martelotta (2013), Antunes (2014). A metodologia adotada tem por finalidade descrever de modo funcional o que pôde-se coletar e analisar acerca dos dados, visando por resultado que o referente trabalho torne-se qualitativo e seja contemplado enquanto instrumento eficiente para o campo do ensino, tal como da aprendizagem. Finaliza-se a pesquisa com uma breve consideração final baseada na maneira desfragmentada na qual se foi percebida o trabalho com a morfologia. Finalizamos a pesquisa com uma breve consideração final baseada na maneira desfragmentada na qual se foi percebida o trabalho com a morfologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Material didático. Análise. Morfologia.

**INTRODUÇÃO**

Quando falamos em morfologia, estamos falando de um campo da gramática que investiga as palavras e suas bases gramaticais à qual pertencem. Essas bases, mais conhecidas como classes, são dez: Substantivos, Artigos, Adjetivo, Numeral, Pronome, Verbo, Advérbio, Preposição, Conjunção e Interjeição; sendo elas trabalhadas de forma fragmentária e por “passos”, fazendo apresentação gramatical dos componentes de uma frase.

Costumeiramente, avançam na medida que o professor julgar apropriado para o aluno ou a programação e tempo exigidos pela escola.

Sabemos que a gramática trabalhada em sala, por vezes, se constitui num desenvolvimento de morfologia que, muito raro, se é explicado para o discente; também é de senso comum e empírico a crença de que não há nenhuma distinção acerca de gramática e morfologia: como se fosse uma coisa só, ao invés de a segunda ser um campo da primeira.

Para uma breve situada a respeito da morfologia, trazemos aqui dois simples e curtos exemplos:

**“A noite está bonita”**

A – artigo

Noite – substantivo

Está – verbo (estar)

Bonita – adjetivo

**“O carro é branco”**

O – artigo

Carro – substantivo

É – verbo (ser)

Branco – adjetivo

Assim, o presente trabalho foi desenvolvido a partir de reflexões a respeito da morfologia trabalhada no livro didático de língua portuguesa Projeto Lumirá (2013), da 5º série, obra coletiva da editora Ática, autoras Floriana Toscano Cavallete e Maria Sílvia Gonçalves. O objetivo deste, é analisar como se propõe a ser trabalhada a morfologia no livro: em quantas unidades ela pôde ser dividida, quais atividades de exercício são propostas e a forma como as classes são reforçadas e reapresentadas ao passar dos capítulos.

**REVISÃO DA LITERATURA OU PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Falar, escrever e ler são importantes habilidades humanas que nos possibilitam a interação social, construção da nossa personalidade e representação da nossa realidade. Tudo isso através da língua. Segundo Marcuschi (2008, p. 64), “A língua é uma atividade social, histórica e cognitiva, desenvolvida de acordo com práticas socioculturais e, como tal, obedece à convenções de uso fundadas em normas socialmente instituídas”.

Aprendemos a língua continuamente através das interações sócio cognitivas às quais somos submetidos em nossas vivências. Entramos, pois, em contato com uma gama de variantes dessa mesma língua, visto que ela é uma construção que acontece de modo individual, conforme habilidades e experiências particulares de cada indivíduo, e também social, geográfica e situacional, seguindo em cada campo regras que constituem as diferentes gramáticas que tornam cada variante possível e compreensível para seus usuários.

[...] Nada na língua, em nenhuma língua, escapa a essa gramática. Por isso é que se diz que não existe língua sem gramática. Nem existe gramática fora da língua. Ou ninguém aprende uma língua para depois aprender a sua gramática. Qualquer pessoa que fala uma língua fala essa língua porque sabe sua gramática, mesmo que não tenha consciência disso. (ANTUNES, 2007, p. 26)

Entende-se, portanto, que as aulas de língua materna não se destinam a ensinar a língua, uma vez que se admite que os falantes dela são usuários competentes, mas para ampliar este conhecimento, promover a proficiência linguística e a competência comunicativa. Apesar disso, percebe-se o enorme peso que tem ainda a norma-padrão da língua culta nas aulas de português, com foco na escrita em detrimento da oralidade. Segundo Neves (2003) citado por Antunes “Não é necessário grande esforço de investigação para averiguar, historicamente, que as sociedades sempre elegeram padrões linguísticos como desejáveis” (2014, p. 68).

A gramática da norma culta é, nesses termos, a única gramática cujos descrição e funcionamento são conteúdos obrigatórios nas aulas de português ou de gramática. Trabalha-se com uma gramática prescritiva construída com respaldo em ideias estético-filosóficas socialmente elitizadas que, só bem recentemente, através da democratização do ensino, popularizou-se, sendo levada de forma homogênea e ineficaz a alunos de inumeráveis níveis de aprendizado e condições de estudo.

Essa gramática una e praticamente invariável é a forma mais prestigiada que temos da língua portuguesa, a menos falada e a mais escrita. Divide-se, essencialmente, em três partes, conforme a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB): Fonética, Morfologia e Sintaxe. Neste trabalho nos deteremos à morfologia.

A morfologia, conforme a NGB é uma das partes constitutivas da Gramática à qual compete a estruturação, formação, flexões e classificação das palavras, que são: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Em sua análise acerca da funcionalidade da unificação proposta pela NGB, Perini e Fulgêncio são categóricos:

A classificação das palavras é colocada na morfologia, ninguém sabe bem por quê. Quanto às dez classes tradicionais [...] trata-se de uma lista em parte arbitrária (especialmente no caso de advérbios e pronomes), e certamente insuficiente para a descrição da estrutura da língua. Embora os linguistas não estejam de acordo quanto às classes a adotar, todos reconhecem que a lista tradicional é inaproveitável como um todo. (2011, p. 271-272)

É preciso compreender como e para que se dá o ensino gramatical também com base nos conteúdos e mecanismos que oferecem os materiais didáticos aos professores que viabilize o processo de ensino aprendizagem facilite a exposição dos conteúdos aos alunos, pois cada aluno terá suas particularidades, sejam regionais, sejam individuais, e estes conteúdos serão, via de regra, norteados pela gramática da norma culta, indispensável como sendo o padrão exigido socialmente, principalmente quanto à produção escrita, seja na vida prática, seja na literatura.

Tendo em vista que o objetivo do ensino de português é tornar os alunos usurários proficientes da língua, utilizando-a em favor de seu desenvolvimento, inclusive no domínio da norma culta, devem os nos perguntar o quanto o ensino da gramática (enquanto ciência) é preponderante para este fim, uma vez que tantos estudos e levantamentos apontam para o caminho oposto: “saber gramática não é condição para o bom uso da língua padrão, nem o estudo de gramática é o caminho para chegar lá” (VALENTE, PEREIRA, 2011, p. 276).

É perceptível nos livros didáticos a tentativa de se trabalhar o texto e as regras gramaticais de forma reflexiva e funcional, contudo ao serem abordados os aspectos gramaticais há sempre forte reducionismo destes aspectos, além de fatores importantes referentes à metodologia e organização dos conteúdos que atravancam o aprendizado, como bem citou Perini (1997) ao criticar a estrutura dos livros de gramática, falha que os livros didáticos também repetem por seguir modelos semelhantes, uma vez que o núcleo do ensino está voltado às regras gramaticais.

Antunes resume muito bem o que seria uma possível solução para tornar as aulas de português alinhadas aos objetivos estabelecidos para elas:

Evidentemente, são legítimos e socialmente relevantes os objetivos de se desenvolver habilidades no uso da norma culta, mas o *caminho para isso não é, prioritariamente, o estudo da gramática*, muito menos, como temos insistido, eu e outros, o estudo das classificações gramaticais. O contato direto, persistente, com produções linguísticas relevantes, orais e escritas, literárias ou não, bem como a análise dessas produções tem um poder bem maior de influência do que essa atividade de identificar a classe ou grupo de fenômenos gramaticais pertencem uma palavra ou frase [...] (ANTUNES, 2014, p. 74) (grifos da autora)

**APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS (*corpora*)**

Ao analisar a aplicação metodológica direcionada a natureza da morfologia no material didático, a princípio, levou-se em conta, na perspectiva do léxico enquanto unidade de utilização a sua estrutura e formação, suas flexões e sua classificação. O referido material de análise trata-se do livro didático de língua portuguesa Projeto Lumirá (2013) destinado aos alunos do 5º ano do ensino fundamental. O material divide-se em quatro unidades compostas por três capítulos. Estes são segmentados de forma ordenada e linear.

1. Exemplar(es) de um (ou mais) gênero(s) variante(s) a cada capítulo;

2. Atividade interpretativa acerca do(s) exemplar(es);

3. Atividade voltada para a gramática tradicional com ênfase em um de seus fragmentos de modo específico, também variante ao longo dos capítulos;

4. Exercícios de cunho ortográfico, presente na maioria dos capítulos.

Abordaremos com ênfase o ponto 3, uma vez que nele está inserido o nosso ponto central de análise. Compreende-se que a morfologia abrange um vasto campo e para tal, sua composição se divide em esferas que, majoritariamente, são explanadas de forma desfragmentada, sem resquícios ou raros que evidenciem qualquer interligação entre elas. Uma destas esferas inicialmente notada no ato da análise, foi a Formação de palavras por derivação e composição, na qual se objetiva que o aluno correlacione palavras que derivem de uma outra palavra primitiva.

Ex.: caseiro › casa; portaria › porta; folhagem › folha; etc.

São explanados também nessa esfera, derivações referentes ao prefixo e sufixo. Observou-se que, partindo para as Classificações, mais precisamente na Interjeição, solicita-se que o aluno localize em trechos soltos interjeições que expressem emoção/sentimento/sensação, de modo que ele possa associar o termo à sua finalidade expressiva e aponte pontos em comum acerca dos exemplos dados.

Quanto à Flexão, tem-se a flexão do adjetivo com relação ao gênero e número, de modo que o aluno seja conduzido a aplicar os adjetivos após exemplificação prévia no gênero quadrinhos, e adapte devidamente aos substantivos inclusos na atividade proposta.

Ex.:

● Adjetivos no exemplar quadrinhos: prateado, famosa.

● Substantivos no exercício: anel, telas.

Dessa forma, o estudante verifica que ocorre variações no adjetivo empregado, não somente no gênero como também na quantidade, posteriormente, assim como também verifica que alguns adjetivos não podem sofrer variações.

Nessa perspectiva, notou-se que ao tempo em que o aluno realiza atividades que visem o estudo das flexões das palavras, ele realiza também simultânea e involuntariamente atividades de classificação gramatical como (no caso do adjetivo, por exemplo).

O que enfatiza a suma importância da aplicabilidade dessas mencionadas esferas, ao passo de que haja articulação e vínculo entre elas, uma vez que nenhuma se faz menos imprescindível na composição e concepção morfológica.

Em contrapartida, é notório uma ênfase voltada para o verbo, no qual duas das quatro unidades do material didático se destinam especificamente a ele, numa abordagem tradicional que saliente, por exemplo: Modos, formas e locuções.

Verifica-se, dessa forma, que as atividades propostas no material didático não tão raro têm-se limitado à tradicionais práticas de substituição de palavras por outras, em enunciados soltos, em exercícios que não demonstram a funcionalidade lexical na construção do texto, de sentido, atrelados à coesão e coerência.

Atividades voltadas para o ensino de nomenclatura e classificação gramatical de forma isolada, como se encontra sem grandes esforços em livros didáticos, sem que os aspectos trabalhados evidenciem qualquer ligação mínima entre si, são atividades de baixa eficiência.

Os aspectos morfológicos, tal como pertencentes à vasta área gramatical, quando vistos separadamente, cada um como fragmento à parte (do discurso, inclusive), podem e devem ser concebidos enquanto erro.

Dessa forma, vê-se a necessidade de ultrapassar as limitações de uma proposta centrada na morfologia e na sintaxe da superfície de palavras e frases.

Vê-se que é preciso dar enfoque funcional ao discurso, de modo que se vá além da exposição de diferentes processos de formação de palavras, podendo então, explorar o espírito do processo de formação de palavras, transcendendo às classificações.

**CONCLUSÃO**

A pesquisa se propôs a analisar como se dá o trabalho com a morfologia em um livro didático específico. A partir das análises realizadas no livro escolhido, pôde-se atestar que apesar de conter um conteúdo abrangente no que diz respeito a morfologia, é notório a forma desfragmentada como esses conteúdos aparecem.

Em demasia retomam as mesmas questões trabalhadas sobre um específico ponto e muito pouco reforçam pontos simples como uma apresentação dos campos trabalhados, a exemplo morfologia, objeto trabalhado aqui, e gramática serem dois campos e não um único; tal qual os demais campos, e onde se diferem etc. Falta, também, a devida atenção e reavaliação para a sequência, que não é propriamente linear.

Dessa forma, pôde-se apurar que as práticas didáticas bem como os conteúdos abordados no livro didático uma vez que voltados para o campo da morfologia de maneira fragmentada e excludente ao que tangem um ensino-aprendizagem da língua, é de baixo teor qualitativo. Assim, acreditamos ser de suma importância para um bom êxito no ensino de conteúdos morfológicos, uma sequência lógica e funcional organizada de maneira linear, respeitando uma ordem de ensino-aprendizagem eficiente para um melhor aproveitamento dos alunos e mais fácil apropriação por parte dos mesmos.

**REFERÊNCIAS:**

Antunes, I. (2007). **Muito Além da Gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho***.* São Paulo: Parábola Editorial.

Antunes, I. (2014). **Gramática contextualizada: limpando 'o pó das ideias simples'***.* São Paulo: Parábola Editorial.

Lúcia Fulgêncio, M. A. (2011). A NGB aos cinquenta anos. Em M. T. André C. Valente, **Língua portuguesa: descrição e ensino** (p. 267 a 280). São Paulo: Parábola Editorial.

Marcuschi, L. A. (2012). **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial.

Martelotta, M. E. (2013). **Manual de Linguística***.* São Paulo: Contexto.

Perini, M. A. (1997). **Sofrendo a Gramática***.* São Paulo: Ática.